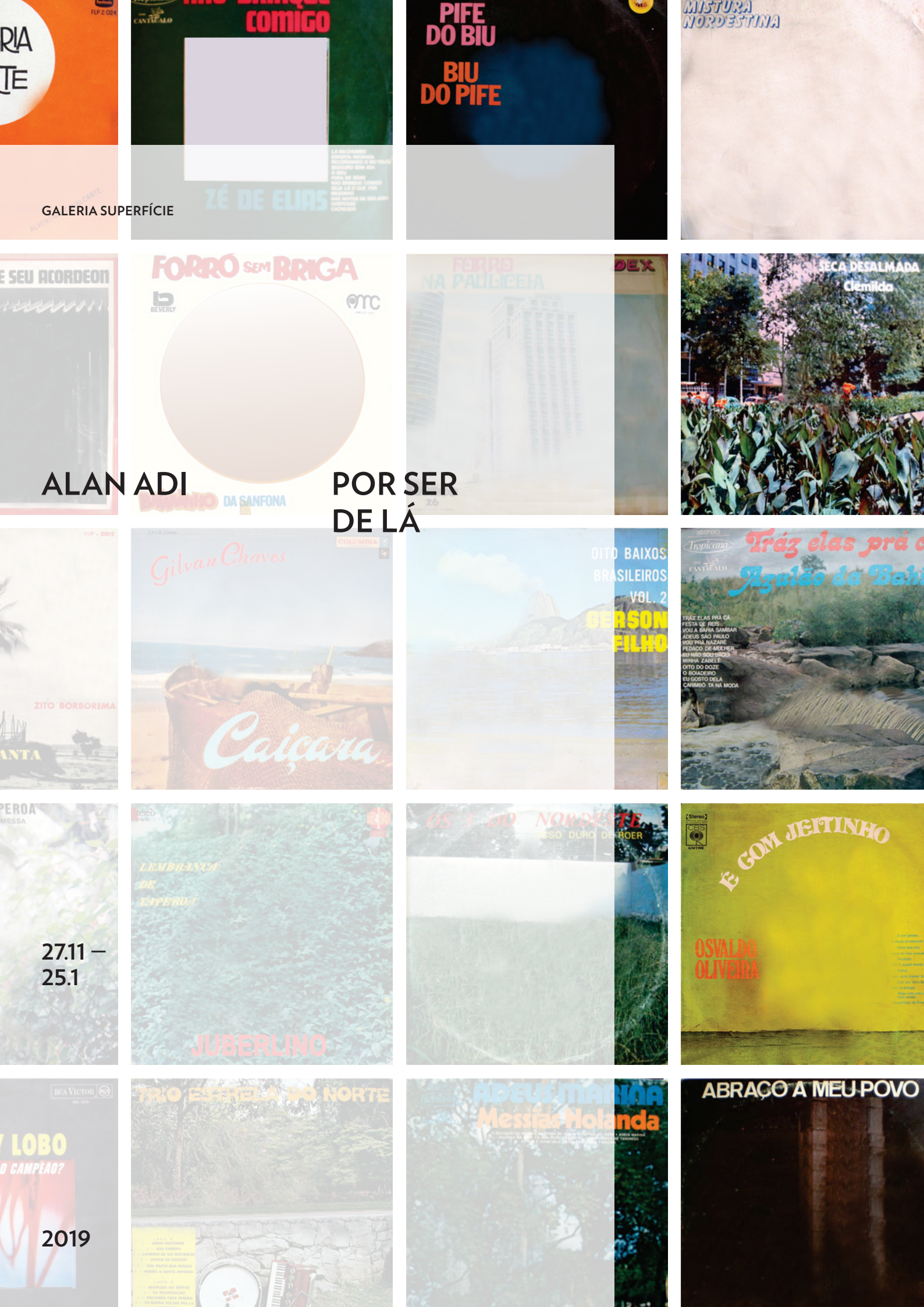
GALERIA SUPERFÍCIE

ALAN ADI

POR SER DE LÁ

27.11 –
25.1

2019



IDENTIDADE MIGRANTE[1]

ANA MARIA MAIA

A saudade da terra de origem é um tema recorrente nas músicas de forró. Apesar de criado ainda no século XIX, nas festas populares das cidades do interior, o ritmo ganhou notoriedade no final dos anos 1940, quando, devido às secas que castigavam o semiárido nordestino, começaram as migrações dessa região para outras partes do Brasil, principalmente o Sudeste. Entre xs[2] que partiam, estavam compositorxs como Luiz Gonzaga, Marinês, Dominguinhos, Zé Paraíba e muitos outros. Cantando o desterro, entraram na programação das rádios e de uma indústria cultural que contribuía para enunciar uma narrativa de Nordeste culturalmente exuberante, embora economicamente subalterno. Esse Nordeste "inventado"[3], conforme aponta o historiador Durval Muniz de Albuquerque Junior, toma o forró como emblema de uma identidade migrante.

Regresso a Aracajú depois de alguns anos vivendo em São Paulo, Alan Adi encontrou na sua coleção de vinis as primeiras pistas para se posicionar sobre a construção desse imaginário histórico.

Em *Nordeste É Ficção* (2014), já havia reunido nove discos de artistas-chave da música popular feita na região – de Dominguinhos a Tom Zé, Geraldo Azevedo, Cátia de França e Belchior – e os organizado em um pequeno altar. Em referência direta ao mobiliário sobre o qual a polícia fotografou as cabeças de Lampião e de seu bando quando mortos em 1938, a instalação aciona uma ambivalência. O mesmo altar, que rememora a violência da captura física e simbólica do cangaço e de outros movimentos de desobediência civil que surgiram desde então, serviu para reverenciar o papel da cultura como campo de emancipação.

Foi apenas na série seguinte, intitulada *Migrantes* (2016), que o artista deteve seu foco sobre a coleção de álbuns de forró. Neles, procurou especificamente indícios de um repertório acumulado sobre o êxodo. Para comentar os efeitos das partidas e, consequentemente, das ausências, apagou o retrato dxs músicxs de cerca de 100 vinis. Compostas apenas de cenários e tipografias originais, as imagens geradas por meio de manipulação gráfica podem até remeter à tese do nordestino migrante. No entanto, elas também endereçam tentativas de comentar esse lugar-comum suspendendo e/ou reinventando os regimes de visibilidade e representação a que correspondem. Mais do que confirmar uma história conhecida, a ausência dos corpos leva a especular.

Seja nas capas de discos de forró ou em outras peças de uma iconografia sobre o Nordeste e xs nordestinxs, importa saber se a pose foi montada por quem a performou ou encomendada por quem a observava e possivelmente idealiza. Sobre isso, não conseguimos saber ao certo em uma primeira leitura desprovida de maiores investigações. O que se sabe, e vale ressaltar, é o quanto que as imagens atravessam gerações situando o problema de uma ética das representações. Ou seja, os retratos são sempre resultado do encontro entre retratantes e retratadxs. Envolvem exercícios de poder, escuta e silenciamento, testemunho, versão, hipótese, mentira. Como num espelho distorcido, as identidades nascem de relações de alteridade.

Os corpos nordestinos que Alan Adi investiga na sua obra, mas também nos trânsitos de vida, podem, de alguma forma, reencenar a dinâmica migratória e uma memória que acarretam disputas regionais e de classe, autoestima, admiração e preconceito com x outrx. As questões do passado perduram, um pouco mudadas, talvez mais sofisticadas, no presente; os comentários das obras ecoam na realidade do circuito da arte e na sociedade. Enquanto se proliferam as rotas e o destino prevalece sobre a origem, o nomadismo de outrora permite especular sobre sujeitos em resistência e busca. Não mais do lugar, mas no lugar. Aqui, hoje.

NOTAS

1
Versão adaptada a partir de texto originalmente publicado em 2017, na mostra individual do artista no Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo.

2
Esse texto adota uma identidade não-binária. Entre outras formas que vem sendo experimentadas na linguagem escrita, a letra "x" é aqui empregada para evitar o uso do "o" como flexão de um masculino universal para designar sujeitos coletivos e indefinidos.

3
ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: editora Cortez, 2012.

1

Proibido Cochilar
Vol. III

2016
Impressão sobre papel
Díptico
30 × 30 cm cada

2

Proibido Cochilar

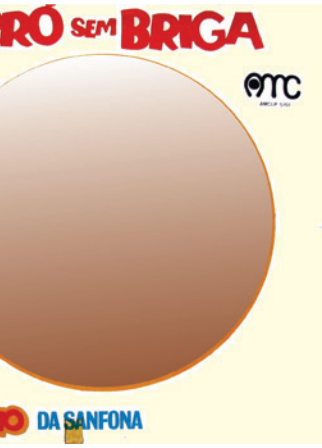
2014
Tinta acrílica sobre parede
Aprox. 240 × 424 cm

AO BRINQUE COMIGO
ZÉ DE ELIAS

PIFE DO BIU
BIU DO PIFE

MISTURA NORDESTINA

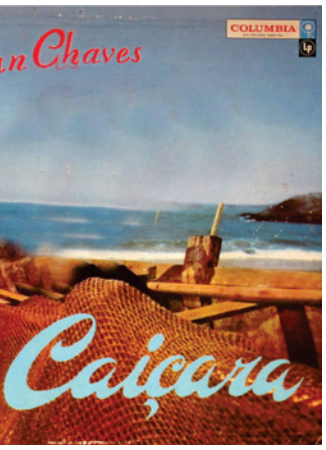
Mamãe!
Estou agrad
GORDUR


RÓ SEM BRIGA
DA SANFONA

FORRÓ NA PAULICEIA
DEX
26

SECA DESALMADA
Clemilda

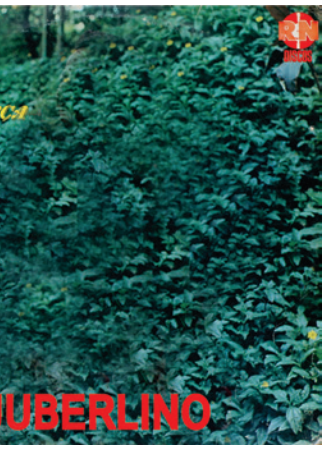
FORRÓ no m
RENATO LEITE


COLUMBIA
Caiçara

OITO BAIXOS
BRASILEIROS
VOL. 2
GERSON
FILHO

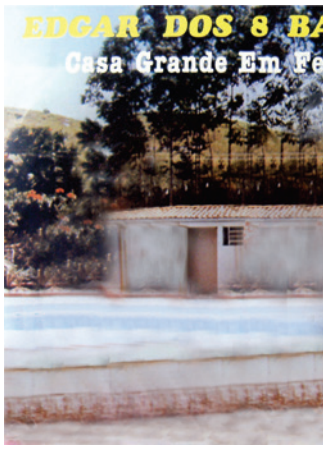
Tráz elas prá cá
Azulão da Bahia
TRÁZ ELAS PRÁ CÁ
FESTA DE RIS
VOU A BAHIA SAMBAR
ADEUS SÃO PAULO
VOU PRÁ NAZARÉ
PEDAÇO DE MULHER
EU NÃO SOU BAIANA
MINHA ZABELÊ
OITO DO DOZE
O BOIADEIRO
EU GOSTO DELA
CARIMBÓ TA NA MODA

TRIO NORTIST
Dr. Cade o Tre


UBERLINO

OS 3 DO NORDESTE
ISSO DURO DE ROER

É COM JEITINHO
OSVALDO OLIVEIRA


EDGAR DOS 8 BA
Casa Grande Em Fe

STRELA DO NORTE

ADEUS MARINA
Messias Holanda

ABRAÇO A MEU POVO

JOÃO DO PI
prato feito

3

Migrantes

2016
Impressão sobre papel
Políptico de 50
30 × 30 cm cada

BAIANO
DA
GUANABARA
ONG PLAYING
LTA FIDELIDADE
PAULO TITO

4

Migrantes

2016
Impressão sobre papel
30 × 30 cm

5

Migrantes

2016
Impressão sobre papel
30 × 30 cm

6

Migrantes

2016
Impressão sobre papel
Díptico
30 × 30 cm cada

7

Migrantes

2016
Impressão sobre papel
Díptico
30 × 30 cm cada

8

Migrantes

2016
Impressão sobre papel
Tríptico
30 × 30 cm cada

9

Migrantes

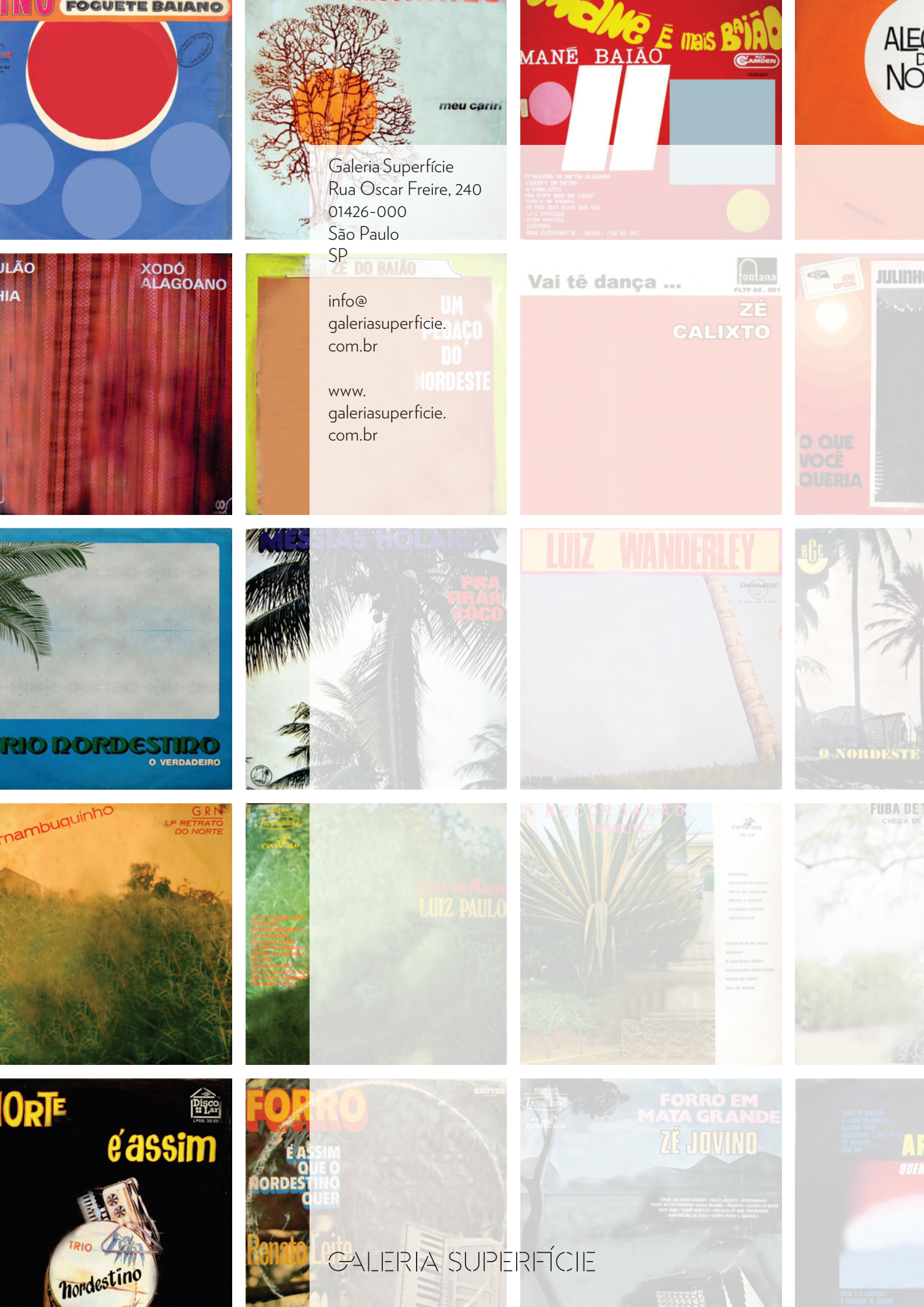
2016
Impressão sobre papel
Tríptico
30 × 30 cm cada

NORDESTE É FICÇÃO

10

Nordeste É Ficção

2014
Impressão sobre papel, madeira e papel cartão
Aprox. 240 × 120 × 250 cm



Galeria Superfície
Rua Oscar Freire, 240
01426-000
São Paulo
SP

info@
galeriasuperficie.
com.br

www.
galeriasuperficie.
com.br

GALERIA SUPERFÍCIE